

POESIA NA SALA DE AULA: FORMANDO LEITORES

Diva Sueli Silva Tavares¹

RESUMO: Este trabalho visa discutir o ensino de poesia na sala de aula, a partir de uma pesquisa semi-experimental realizada numa escola do Ensino Médio da rede estadual de Natal/RN. Apresentamos alternativas para se trabalhar adequadamente a leitura do texto poético, a partir de novas concepções de leitura de literatura bem mais produtoras, como as que promovem o encontro entre o leitor e o texto. Tratamos do conceito de poesia e apresentamos possibilidades didáticas de aplicação da poeticidade no universo cultural de nossos jovens. Os aportes teóricos que deram apoio a este estudo foram as reflexões promovidas pela estética da recepção e da cooperação interpretativa, conforme a formulam Jauss, (2002a), Iser, (1996) e Eco (2002); concepção de leitor e processo de leitura, de acordo com Smith (1989) e na leitura por andaime (*scaffolding*), Graves e Graves (1995). Nossas análises permitem-nos afirmar que, na perspectiva interacionista, o papel do aluno é atuante e pensante no processo de leitura, permitindo-se, em sala de aula, outras leituras que não sejam a do professor, ou até mesmo a do livro didático, tido por esse professor como portadores da verdade. Os resultados a que chegamos apontam para a necessidade de os professores assumirem papéis mais ativos no trabalho educativo como um todo e, especificamente, na produção do saber escolar, inclusive da poesia por se considerar que esse gênero contribui de maneira singular para a formação lingüística, cognitiva, afetiva e psicológica dos alunos. Essas reflexões e as possibilidades de formar o aluno em leitor, especificamente no que se refere à recepção do poema, foram fatores essenciais de motivação da pesquisa.

PALAVRAS CHAVE: Ensino de literatura. Poesia. Ensino Médio.

POETRY IN THE CLASSROOM: FORMING READERS

ABSTRACT: The objective of this paper is to discuss the teaching of poetry in the classroom through a semi-experimental research carried out in a public High School in Natal/RN. We introduce alternatives for an appropriate way of teaching the poetic text through new conceptions of reading concerning the literary text. We deal with the concept of poetry and introduce didactic alternatives as tools for dealing with the poetic element in the cultural universe of our youth. The theoretical approaches that support this paper are the theory of reception and interpretative cooperation, according to Jauss (2002a), Iser (1996) and Eco (2002); reader conception and reading process, according to Smith (1989), and scaffolding reading, according to Graves and Graves (1995). Our analysis gives us support to say that, in the interactionist perspective, the role of the reader is an active and a reflexive one, and that stimulate in the classroom other kinds of readings that may differ from the textbook's and the teacher's, and this is important because usually the textbook's and the teacher's readings are considered the true ones. The results show that the teachers need to be more active in their educational work, but specifically in the production of knowledge in the school, and that includes working with poetry once this genre contributes to the linguistic, cognitive, affective and psychological formation of the students. These considerations and the possibilities of forming readers, mainly concerning poetry, were key factors that motivated us to develop this research.

KEY-WORDS: Teaching reading. Poetry. High School.

Doutora em Educação. Professora de Português Instrumental da FACEX. E-mail: divatavares@hotmail.com

Este artigo é um recorte da tese **Da leitura da poesia à poesia da leitura: a contribuição da poesia para o Ensino Médio**. Na investigação feita nessa pesquisa sobre o contexto da literatura no ensino médio e mais especificamente o de poesia, constatamos que as atividades de leitura de poesia, não têm atraído os estudantes. Tampouco têm se mostrado produtivas, e alcançado alguns de seus objetivos: despertar nos jovens o gosto pela literatura e desenvolver neles a capacidade da leitura crítica e reflexiva. Neste contexto de leitura de poesia se insere o ensino de literatura, como uma evidência da leitura. Se a leitura de literatura é de certa forma um problema nas instituições de ensino, o de literatura é ainda mais complexo, visto que este ensino é, em sua essência, ensino de leitura.

A leitura é um ato de percepção e atribuição de significados, através de uma conjunção de fatores pessoais como o momento, o lugar e as circunstâncias, ou seja, é uma interpretação sob as influências de um determinado contexto. Nesse processo o indivíduo é levado a uma compreensão particular e social da realidade. Trata-se de um conceito de ordem cognitivo-sociológica, pelo qual a leitura é concebida como um processo de compreensão mais abrangente. Essa dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, além dos culturais, econômicos e políticos. O que confirma a posição de Martins (1988 p. 30 quando afirma que o ato de ler “é um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem”.

Entretanto, grande parte de nossas escolas, ainda concebe a leitura vinculada a uma decodificação de signos lingüísticos através do aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta, ou seja, a aprendizagem ocorre pela transmissão e pela memorização através de uma série de exercício para treinamento e memorização. Essa concepção de ensino, calcada na verbalização, em que o aluno assume uma postura de ouvinte, desconhece a profundidade da experiência do contato do indivíduo que, ao atuar sobre o objeto de conhecimento, e, pela atividade cognitiva, estabelece relações de análise e de generalizações. Nesse sentido, “o ensino tem sua função social redefinida: ele passa a contribuir para o desenvolvimento dos indivíduos, possibilitando-lhes vivenciar modos de construir conhecimento por si mesmo, modos de aprender pensando.” (FONTANA, 1997, p. 110)

No que diz respeito ao ensino, a sociedade contemporânea vê como finalidade da educação, organizar a experiência do indivíduo na vida cotidiana, desenvolver-lhe

personalidade e garantir-lhe sobrevivência. Além disso, está direcionada com as técnicas aplicadas, com as normas vigentes e com os valores compartilhados pelos indivíduos. Neste contexto, o ensino de literatura nas escolas é questionável. O texto literário é constituído por uma simbologia utilizada na construção de textos que não possui um sentido produtivo na vida prática, isto é, não tem utilidade do ponto de vista da sociedade capitalista, visto que não gera capital por meio do trabalho. Por outro lado, o trabalho intelectual proporcionado pela leitura de literatura é dialetizado na sua função estética, pois gera aprendizagem à medida que proporciona prazer não só pelo entretenimento, mas também pela realização do leitor ao descobrir os enigmas do texto e preencher os vazios que o texto traz. Além do mais, a literatura é, em princípio, comunicação. Ela possui uma estrutura de apelo, uma comunicabilidade com o leitor que, articulada com suas experiências, constrói significação. Iser (1996, p. 13-14) acredita que:

A interpretação da literatura, orientada pela estética da recepção, visa à comunicação, por meio da qual os textos transmitem experiências que, apesar de não familiares, são, contudo compreensíveis. [...] através desses textos, acontecem intervenções no mundo, nas estruturas sociais dominantes e na literatura existente.

Considerando que o ensino de literatura não tem uma finalidade específica, um uso social pragmático, as sociedades mais tecnologicizadas tendem a encarar o saber científico ou prático como o objetivo do ensino, e menosprezam o pensamento, a linguagem e as artes, relegando-os a acessórios instrumentais e de apropriação natural. Nesse caso, dispensa-se o ensino. Essa abordagem não se coaduna com o pensamento de (BORDINI, 1991, p. 14). Para essa autora:

... essa é uma atitude falsificadora da realidade, pois separa, hierarquiza e confunde modalidades correlativas e imbricadas do saber. Discrimina disciplinas como Filosofia, Línguas, Artes e Psicologia e promove outras como Matemática, Física, Química, Biologia na formação escolar...

A sociedade precisa compreender o ensino de literatura como o meio mais eficaz para o desenvolvimento cognitivo, pois abre possibilidades de leitura e faz com que o leitor reflita, dialogue com o próprio texto e com outros leitores. O texto literário é plurissignificativo, permite diversas leituras justamente por ter seus aspectos em aberto,

fornecendo ao leitor uma gama muito maior de informações. A riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre com outros textos. Daí provém o prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensamente a consciência do leitor, desobrigando-o a manter-se nas amarras do cotidiano.

No tocante ao ensino de poesia, objeto dessa pesquisa, vários estudos como os de Averbuck(1982), Lajolo (1993), Amarilha (1997), Maia (2001), Pinheiro (2002) entre outros verificaram a forma equivocada com a qual se tem trabalhado esse gênero no ensino médio, e por, conseguinte, a pouca vivência de leitura do texto poético em sala de aula. O trabalho desenvolvido nas salas de aula, geralmente, utiliza-se dos textos extraídos de manuais didáticos, muitas vezes fragmentados e elaborados com intuito mercantilista, apenas fornecem dados que os organizadores / elaboradores consideram relevantes para as séries a que são destinados. Por ter acesso apenas fragmentos de textos, os alunos não vivenciam o prazer estético apresentado a eles no ato de leitura. O que se constata na realidade, é que hoje os jovens encontram outros meios, outras formas para substituir o prazer que anteriormente era encontrado na leitura. Diante dessas constatações é possível vislumbrar na sala de aula um ensino de literatura, mais especificamente, de poesia, tema escolhido para nossas reflexões.

Esta pesquisa é do tipo quase experimental e se realizou numa sala de aula de uma escola pública do município de Natal, Rio Grande do Norte. Selecionou-se o contexto da escola pública, tendo em vista que essas escolas enfrentam alguns problemas de ordem econômica e estrutural, o que poderia de alguma forma “justificar” a exclusão da poesia no seu cotidiano. A Escola Estadual Professor Edgar Barbosa (selecionada para este estudo) localiza-se na Avenida Miguel Castro, sem número, Lagoa Nova, Natal – RN.

A seleção dessa escola se deu por vários fatores. Um deles é o fato de o público ser heterogêneo, oriundo de diversas camadas sociais, proveniente de bairros diferentes e ainda a descoberta da inexistência em sua biblioteca de um acervo literário que pudesse despertar o gosto dos alunos por literatura e conseqüentemente, por poesia.

Tivemos como atores (sujeitos) alunos do primeiro ano do ensino médio. A escolha desse nível de ensino se deu pelo fato de que nessa fase da vida, dos 15 aos 17 anos, um mundo de novidades se abre para esses adolescentes. A descoberta da modificação corporal, essência da puberdade, e o desenvolvimento dos órgãos sexuais e da capacidade de reprodução são vividos pelos adolescentes como irrupção de um novo papel, que modifica sua posição frente ao mundo e que também compromete em todos os planos da convivência. A adolescência é uma transformação substancial do corpo do

jovem, que adquire as funções e os atributos do corpo adulto. Em outras palavras, como afirma Calligaris (2000, p. 19) “é uma manifestação de mudanças hormonais, um processo natural”.

Nesse processo, os adolescentes sofrem crises de susceptibilidade, eles amam, odeiam, estudam, brigam, batalham. Batalham com seus corpos que se esticam e se transformam. Lidam ainda com as dificuldades de crescer no seio de uma sociedade e de uma família moderna. Sua inserção no mundo social do adulto vai definindo sua personalidade, pois seu novo plano de vida lhe exige estabelecer o problema dos valores éticos, intelectuais e afetivos, isso implica no nascimento de novos ideais e a aquisição da capacidade de luta para consegui-lo. Este processo supõe um desprendimento, isto é, abandonar a solução do **como se** do jogo e da aprendizagem, para enfrentar o **se** e o **não** irreversíveis da realidade ativa que tem em suas mãos. Isso implica, ainda, um distanciamento do presente e, juntamente, da fantasia de projetar-se no futuro.

Elegemos para este estudo a metodologia do tipo de pesquisa-ação, visto que estivemos envolvidos nas diferentes partes da pesquisa, desde a definição do problema, até a implementação de uma ação que resultou em uma melhoria para o grupo de participantes em estudo. Houve, nesse caso, um sentido político claro nessa concepção, qual seja, partir de um problema definido, usar instrumentos e técnicas para conhecer esse problema e delinear um plano de ação que trouxesse benefício para o grupo (ANDRÉ, 1986, p. 33).

Os instrumentos que utilizamos na coleta de dados foram, primeiramente, a entrevista, do tipo semi-estruturada, a que apresenta um único respondente. A entrevista (GASKEL, 2004) proporciona ao pesquisador o esclarecimento e acréscimos em pontos importantes com sondagens apropriadas e questionamentos específicos. Para esse autor:

Toda pesquisa com entrevista é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única, passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de idéias e de significados em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas tanto o entrevistado quanto o entrevistador estão, de maneira diferentes, envolvidos na produção de conhecimento. (GASKEL, 2004, p. 73)

Como procedimentos utilizados nessa pesquisa, a entrevista teve um caráter exploratório, serviu para tomarmos conhecimento do processo de ensino de literatura nessa escola. Primeiramente, entrevistamos a professora que ministra a disciplina Língua Portuguesa e Literatura. Em seguida, selecionamos um pequeno grupo (uma amostra de 15% da turma) para nos acercarmos do universo dos alunos a fim de tomarmos conhecimento de suas preferências de leitura e podermos estruturar o experimento. No final, aplicamos um questionário em que os sujeitos participantes (alunos) deveriam responder perguntas para que pudéssemos mensurar o nível de aprendizagem. Para registro dos dados obtidos, usamos o diário de sala de aula. Nele registramos todos os acontecimentos que ocorreram ao longo do experimento.

Nosso estudo sobre o ensino de poesia, na sala de aula, teve início com o seguinte questionamento: por que os jovens costumam afirmar que não gostam de ler poesia? Essa questão nos inquietava e desconfortava, e a realidade se apresentou quando numa das entrevistas iniciais com os jovens que participaram do experimento, obtivemos a seguinte posição de um dos alunos:

Pesquisadora – Você gosta de poesia? João – Não. Pesquisadora – Gostaria de vivenciar um trabalho com poesia? João – Não.

Essa informação contribuiu para viabilizar ainda mais a importância um trabalho mais voltado para a poesia. Por isso, era preciso saber: o aluno não gosta do gênero porque não gosta ou porque nunca teve contato, nunca a vivenciou nos moldes como acreditamos que deva ser vivenciada em sala de aula. Para nós, ler poesia é descobrir com os alunos a sutileza da comunicação através da palavra, uma vez que o homem é “um ser de palavras” e “a palavra é o próprio homem” (PAZ, 1982, p. 36).

Após estudos e pesquisas, descobrimos que a presença da poesia na sala de aula torna-se, pois, necessária para queremos desenvolver nos alunos uma formação de leitor, uma vez que ela desperta para o prazer que essa leitura proporciona. Esse prazer advém do texto literário ao trazer na sua constituição e interação com o leitor, característica do jogo e, de acordo com sua estrutura e organização, nunca prescrever o modo como deve ser jogado. O resultado pode ser vivenciado de diversas maneiras. A experiência do leitor é que possibilitará um resultado mais consistente na descoberta de significado do texto.

Assim, o ensino desse gênero não pode ser excluído do cotidiano dos alunos. As atividades lúdicas relativas ao processo de desenvolvimento não deve ser substituídas pelas atividades consideradas mais “sérias” e úteis, deixando o jogo e a brincadeira para

momentos de recreação. Essa abordagem não considera o jogo ou a brincadeira como atividade universal e inerente aos animais e seres humanos. Geralmente, crianças e adultos encontram prazer no jogo. Assim, a importância do jogo deve ser reconhecido, porque ele ajuda a explorar o mundo por intermédio da fantasia. Como se verifica na afirmação de (HUIZINGA, 2001, p. 134)

A poesia está para além da seriedade. [...] Em sua função original da fatos das culturas primitivas a poesia nasceu durante o jogo e enquanto jogo – jogo sagrado sem dúvida mas sempre, mesmo em caráter sacro nos limites da extravagância, da alegria e do divertimento.

A estrutura é estabelecida, como num jogo, por regras de versificação, que encontra no espaço da representação do verso, do ritmo e da ordem, a harmonia veiculada por uma linguagem metafórica. Ampliando esse conhecimento, HUIZINGA (id. Ibid) continua:

A ordenação rítmica ou simétrica da linguagem, a acentuação eficaz pela rima ou pela assonância, o disfarce deliberado de sentido, a construção sutil e artificial das frases, tudo isto poderia constituir-se em manifestações do espírito lúdico (HUIZINGA, 2001, p. 134).

É um jogo e como tal, cabe ao leitor desafiado, descobrir os paradigmas e na luta vencer os obstáculos da linguagem figurada, cifrada, enigmática. A vitória “é a do sentido, e o prazer é o da conquista, da compreensão do texto” (AMARILHA, 1997, p. 33).

É na exploração das várias possibilidades geradas a poesia e na abertura de espaços para que os alunos discutam suas idéias que reside o papel de mediação do professor, um leitor mais experiente que colabora na construção do sentido do texto. Nessa atitude de colaboração Graves e Graves (1995) denominada de scaffolding (leitura por andaime), o professor proporciona a seus alunos a construção conjunta dos significados presentes no texto lido. A técnica de andaime consiste no apoio de um leitor experiente que conduz o processo de leitura, resolve os problemas e desafios identificados no texto, permitindo aos leitores em processo de aprendizagem uma assistência direcionada. Essa técnica foi de suma importância para a apresentação de poesias para os alunos, pois

colaborou para o despertar da sensibilidade, para o jogo e para as emoções que esse gênero suscita, além disso, revelou que esse gênero textual não está tão distanciado de seu mundo como alguns acreditam.

Dessa forma, a presença de uma mediadora, a pesquisadora, leitora mais experiente, na dinâmica da leitura e discussão desse gênero de texto contribuiu para que os jovens se interessassem e aprendessem a ler e a gostar de poesia, pois observamos alteração no comportamento dos alunos depois que esse gênero lhes foi apresentado sob uma perspectiva que não era a que estavam acostumados, como a leitura pragmática em que a compreensão dos significados é apresentada unicamente pelo texto. Essa concepção de leitura que os alunos vivenciavam não leva em consideração o leitor como construtor de significados, nem sua história. Não compreende que na leitura o leitor é produtor, participa, percebe, identifica-se, mobiliza-se e transforma-se, como se percebe na fala da aluna – *Hoje eu sei o que é poesia. Eu sinto a poesia. Eu me vejo dentro dela. Aprendi a respeitar os gostos musicais dos outros.* Um outro aluno assim posicionou a respeito do experimento: *A participação da gente foi interessantíssima, pois através das aulas aprendemos a aguçar mais nossas mentes para um aprendizado melhor, através de textos que nos ensinavam bastante e ao mesmo tempo intrigavam, mas essa intriga logo se transformava em aprendizado, pois tudo era discutido, tudo era esclarecido.*

Percebemos, lamentavelmente, a permanência de uma visão institucionalizada de que a leitura em sala de aula deve servir para obtenção de nota. A fala de um aluno, no questionário feito no final do experimento, confirma nossa posição. Quando perguntamos que sugestões ele daria caso houvesse continuidade nos encontros, ele assim se posicionou: – *Que quando for fazer essas atividades de novo, poder contar pontos.*

Essa resposta se contrapõe ao que sabemos da literatura, que é fascinante e essencial para o desenvolvimento da cognição e da afetividade, e o quanto o universo letrado nos faz crescer e apreender aspectos fundamentais do ser humano. Por isso, compreendemos que a leitura de literatura, de poesia em particular, como parte constitutiva do mundo social, deve, não apenas constar nos currículos escolares, mas também ser vivenciada, pois colabora na formação do leitor, visto que expressa as visões de mundo que circulam no social. Visões essas que são informadas pelas experiências históricas concretas de grupos sociais que as formulam, mas também elas mesmas construtoras dessas experiências. Essas visões compõem a prática social material desses indivíduos e dos grupos aos quais pertencem ou com os quais se relacionam,

favorecendo o engajamento emocional e o estabelecimento de uma relação texto vida. Assim sendo, perde-se o ponto de vista dos que acreditam que a literatura é apenas o espelho da realidade, para percebê-la também como parte constitutiva do mundo social.

Por isso, o ensino de literatura não pode ter a mesma perspectiva que o de história, geografia, por exemplo, em que se estuda o fenômeno. Na literatura, ela é o próprio fenômeno. Deve ser lida não como algo a ser contado, ilustrado, mas vivenciado, pois possui um discurso carregado de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo, não só de prolongar essas vivências, mas também de renová-las, porque se constitui como um elo entre o homem e o mundo, supre suas fantasias, desencadeia emoções, ativa o intelecto e produz conhecimento. É preciso, pois, estudá-la, compreendendo-a nos seus fatores constituintes, visto que, como criação, adensa irrealidade com a realidade, tornando os leitores observadores deles mesmos. Assim, o aluno compreenderá que ler um texto literário significa entre outras coisas, entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação que o torna capaz de ler e compreender o mundo que o cerca. Porquanto prática social, a literatura pode ser vista como atividade humana em intenção transformadora do mundo, que expressa não só o peculiar da relação do homem com o mundo, mas também os modos de ser do homem no mundo, e nisso, a poesia é singular.

O experimento consistiu em trazer poesias para sala de aula. Em cada encontro, 12 ao todo, líamos e abríamos espaço para discussões do poema selecionado para o dia. Começamos com pequenos textos conhecidos por eles na sua vida cotidiana, até uns mais complexos que exigiam uma elaboração maior por parte desses leitores. Para desenvolvermos esse trabalho com poesia, mais envolvente e significativo, enveredamos pelo universo desses alunos, procuramos descobrir seus gostos e desejos para que de posse desse conhecimento trouxéssemos para o contexto da sala de aula poesias que se aproximassem do mundo dos adolescentes. Isto teve por fim o envolvimento de todos os alunos na leitura significativa, como algo para ser sentido e vivido. E que devido ao encantamento, aos sonhos e emoções que ela suscita, esses adolescentes pudessem mostrar ao mundo o que estão sentindo, a certeza e a incerteza, a voz que grita e cala, a tristeza e a alegria, sentimentos que se contradizem, mas que se completam nessa fase da vida em que um mundo de novidades se apresenta para eles.

Essa foi uma das formas que utilizamos para convidá-los a tomar gosto pela leitura desse gênero de texto, aproximando os jovens da literatura de modo significativo, divertido e diferente daquela maneira que as escolas costumam vivenciar. Como depõe um aluno – *Eu gostei dos encontros porque foram muito divertidos e*

aprendi a gostar mais ainda de poesia. Porque a poesia está presente em tudo que vemos, ouvimos, tocamos, falamos... E a poesia está presente em nosso dia-a-dia.

Dessa forma, eles redescobriram o desejo pela palavra, perdido ao longo das séries, além de saborear a palavra, a vontade de expressar, compreender, inventar e reinventar o mundo das letras. Podemos demonstrar isso através da posição de um aluno: – *Eu aprendi com você a ver mundo das palavras de outro jeito. Usar a imaginação e voar com as palavras.* Esse posicionamento, demonstrou que esse estudo contribuiu não só para a formação lingüística, cognitiva, afetiva e psicológica dos alunos, acrescentando experiências, mas também para sua formação de leitor.

REFERÊNCIAS

- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?:** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis, RJ: Vozes. Natal: EDUFRN. 1997.
- ANDRÉ, Marli E. D. **A etnografia da prática escolar.** 3. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1986. (Série Práticas Pedagógicas)
- AVERBUCK, L. M. “A poesia e a escola”. In: ZILBERMAN, Regina et al (Org.). **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- BARROS, Manuel de. **Matéria de poesia.** 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BORDINI, M. G. **Poesia infantil.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CALLIGARIS, Contardo. **Adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2000.
- ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção.** 6. ed. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, 1997.
- GASKEL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2004.

GRAVES, M. F., GRAVES, B. B. The scaffolded reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of texts. **Reading**, v. 29, n. 1, p. 29-34. [1995 ?].

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ISER, Wolfgang. **A literatura e o leitor** – textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. In: COSTA LIMA, L. (Seleção, Coord. e Trad.). **A literatura e o leitor: textos da estética da recepção**. 2. ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a.

LAJOLO, Marisa. “O texto não é pretexto”. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. ZILBERMAN, Regina et al. (Org.) Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

MAIA, Angela Maria Santos. **O texto poético: leitura na Escola**. Maceió: EDUFAL, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. 2. ed. João Pessoa: Idéia, 2002.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.